

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NO CHÃO DA ESCOLA: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Gustavo Pinto Alves da SILVA¹
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

RESUMO

O artigo traz reflexões provenientes da minha tese de doutorado, que buscou compreender o olhar das crianças da educação infantil de 04 a 05 anos que participam das atividades do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros - NEAB AYÓ da Escola Municipal Clementino Fraga, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, sobre as questões étnico-raciais. Através de abordagens socioantropológicas com foco nas infâncias, foi estabelecido um diálogo com as crianças sobre sua agência. A pesquisa baseou-se principalmente na etnografia. Aqui, as crianças são consideradas sujeitos ativos e não objetos de estudo, pois acredita-se em sua capacidade de se comunicar com adultos, outras crianças e o mundo ao seu redor, sendo capazes de descrever suas próprias vivências. Após minha análise, cheguei à conclusão de que o NEAB AYÓ tem desempenhado um papel importante ao ajudar as crianças a reavaliarem sua própria identificação étnico-racial. Em determinados casos, crianças declaradas pardas, que antes eram classificadas assim por seus responsáveis e por si mesmas, passaram a se autodeclarar como negras. Da mesma forma, algumas crianças de pele branca começaram a se reconhecer como pardas. As atividades promovidas pelo núcleo levam as crianças a refletirem sobre suas identidades negras e brancas na autodeclaração. Os ativistas antirracismo encorajam as crianças a denunciarem quaisquer atos de discriminação racial sofridos por seus colegas.

Palavras-chave: Infância, Educação Infantil, Relações Étnico-Raciais.

INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado é um desdobramento da minha pesquisa de doutorado, defendida pelo programa de pós-graduação Contextos Contemporâneo e Demandas Populares da Universidade Federal Raul do Rio de Janeiro. Nesta pesquisa tivemos como objetivo a intervenção no campo educacional relacionada à construção da identidade étnico-racial na educação infantil em uma escola da rede municipal do Rio de Janeiro, através das atividades afro-pedagógicas do Núcleo Afro-Brasileiro-NEAB AYÓ que integra a unidade escolar. Neste estudo, os principais participantes foram as crianças da turma EI-41 de Educação Infantil, com 4 anos. As atividades foram desenvolvidas visando colaborar com o objetivo da pesquisa e realizadas em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da escola. A abordagem enfocou a literatura afro-brasileira, diálogos em grupo, artes visuais, como pinturas e desenhos,

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, e-mail: historiadorgustavo@gmail.com



além de outras práticas ligadas à cultura afro-brasileira. Foi durante essas experiências que ocorreram as entrevistas e conversas com as crianças, tanto individualmente como em grupo.

Temas relacionados à educação infantil, integração social, infância, discriminação racial e identidade despertam meu interesse em explorar de que forma as crianças da primeira infância estão desenvolvendo sua identidade étnico-racial. Ao observar a educação infantil e os episódios de racismo testemunhados, questionamentos interessantes surgiram: Qual a representatividade das crianças negras na educação infantil dentro de seu grupo étnico-racial? Essas crianças possuem uma identidade étnico-racial e autoestima positivas? O que as abordagens educacionais promovidas pelo NEAB da instituição para a educação infantil revelam sobre as questões étnico-raciais.

A escolha deste tema justifica-se pela urgência de tecer debates e reflexões sobre os desafios encontrados em práticas pedagógicas desenvolvidas em sala de aula e contribuir através das reflexões apresentadas com novas possibilidades de políticas educacionais mais abrangentes, com foco na melhoria do desempenho da comunidade escolar no que diz respeito à maneira como conduzem pedagogicamente suas práticas, seguindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (2004) e as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2010) – ,documentos normativos que apoiam abordagens pedagógicas nas escolas.

A formação da identidade negra na educação de crianças pequenas tem sido objeto de estudo em várias pesquisas. A tendência de desvalorização do negro está em ascensão, já que a maioria das escolas não retrata o negro como uma presença forte, poderosa e relevante na sociedade. Durante a etapa da educação infantil, essa representação do negro como minoria, sem influência e sem valor, pode resultar em preconceito e discriminação entre as crianças como aponta as pesquisas de Fazzi (2006), Cavalleiro (2014) e Silva (2015).

Nesse sentido, as escolas exercem uma influência significativa nesse processo, já que boa parte da infância é vivida dentro de ambientes educacionais e creches. Destaca-se a relevância da escola em ajudar a formar a identidade da criança, especialmente quando se trata de uma criança negra. Desde tenra idade, o contato inicial com a questão racial ocorre e essa diferença tem sido usada para julgar e classificar as pessoas como inferiores, conforme diversas pesquisas mencionadas neste trabalho mostram. É fundamental discutir, valorizar e reconhecer a construção da identidade negra no contexto educacional. O percurso de formação da identidade negra enfrenta obstáculos na sociedade atual, lutando contra o racismo e a discriminação.



XXII ENCONTRO NACIONAL DE ATIVIDADES ESCOLARES COM O INTUITO

As atividades elaboradas com o intuito de contribuir para o propósito da pesquisa foram conduzidas em parceria com o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da escola. Estas atividades foram centradas na literatura afro-brasileira, conversas em grupo, pinturas, desenhos e outras práticas relacionadas à cultura afro-brasileira. Foi durante essas atividades que as entrevistas e conversas aconteceram com as crianças, algumas vezes de maneira individual e outras em grupo.

METODOLOGIA

Neste estudo, optou-se pela etnografia como método de investigação, o qual proporcionou uma imersão profunda no ambiente estudado. Essa abordagem metodológica enfatiza a conexão íntima entre a ação e a reflexão, viabilizando a avaliação das aptidões das crianças envolvidas na pesquisa.

Corsaro (2005) menciona que atualmente, o campo da sociologia da infância tem progredido por meio de uma diversidade de estudos que empregam diferentes métodos e técnicas. Um dos principais objetivos dessas pesquisas é capturar as vozes, interesses e perspectivas das crianças. O autor ressalta que a etnografia é um método altamente recomendado para o estudo de crianças e adolescentes devido às experiências únicas resultantes de suas interações e culturas, as quais não podem ser plenamente compreendidas apenas por meio de reflexões ou entrevistas. Essa abordagem engloba diversas estratégias e metodologias de pesquisa.

Foram utilizadas diversas ferramentas metodológicas para captar com o máximo de detalhes possível todas as informações. As anotações no diário de campo desempenharam um papel fundamental nesta pesquisa, permitindo um registro preciso das experiências vividas pelas crianças no ambiente escolar. Após o retorno para casa, os eventos do dia eram transcritos para um arquivo, proporcionando a oportunidade de reviver a rotina diária com fidelidade, e permitindo adicionar comentários complementares.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na amostra analisada, é possível observar que as crianças que se autoidentificam como brancas têm percepções diferentes sobre sua própria identidade branca. Cardoso (2010) argumenta que a branquitude pode ser compreendida de maneira crítica ou acrítica, com os brancos sendo vistos de formas diversas. Enquanto a abordagem crítica condena o racismo, a acrítica destaca os privilégios associados à condição de ser branco.



Já as crianças que antes se declararam pardas, de acordo com Edith Piza e Fúlvia Rosenberg (2014), são ressaltadas pelas pesquisadoras que nos países de população multirracial, como o Brasil, um dos principais pontos de conflito nas pesquisas sobre cor diz respeito à presença do grupo dos pardos no espectro de tonalidades da população. Os indivíduos pardos possuem uma posição intermediária, sendo capazes de transitar entre a identidade branca ou negra com relativa facilidade. Nas palavras das autoras, esse grupo é aquele em que a variação de pertencimento parece ser mais ampla e influenciada pelo significado social da cor. Essas observações se tornam claras em minhas conversas com as crianças.

Recusar a negritude presente em um indivíduo pardo é uma estratégia utilizada pela classe dominante para perpetuar um extermínio silencioso. Em contrapartida, aceitar e reivindicar essa identidade representa um ato de resistência, pois esses corpos também enfrentam a fragilidade intrínseca a uma estrutura favorecida pela sociedade branca. É relevante ressaltar que a identidade negra é maleável e não está limitada à tonalidade da pele. Portanto, no contexto brasileiro, existem múltiplas maneiras de vivenciar a negritude, e não apenas uma única forma.

Ao longo do processo de construção da identidade racial de uma criança negra, é importante destacar sua importância dentro de discussões mais amplas e complexas sobre identidade. É crucial encará-la como uma jornada influenciada por aspectos sociais, históricos, culturais e diversos, que moldam a percepção do grupo étnico-racial ao qual ela pertence, por meio de suas interações com os demais.

Por meio das histórias contadas e das imagens que as crianças compartilham, é possível notar sua própria descrição racial como sendo negra. Frequentemente, elas buscam referências sobre suas características entre os familiares e ao comparar com seus colegas, construindo assim sua identidade com base em sua história familiar e valores culturais.

Concordamos com Gomes (2003) ao destacar o grande desafio que é construir uma identidade negra positiva em nossa sociedade. Durante séculos, foi enfatizado a esse grupo que ser aceito significava negar sua própria essência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi percebido que as crianças definem sua própria identidade étnico-racial de maneira semelhante aos adultos, demonstrando que possuem a habilidade de se autoidentificar com base nesses critérios. Essas identificações divergem das categorias estabelecidas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, assim como das informações fornecidas pelos



responsáveis em documentos escolares aos quais tive acesso de forma não autorizada para inclusão na tese. De forma notável, as crianças puderam se reconhecer etnicamente e racialmente, evidenciando seu senso de pertencimento. Em várias situações, crianças pardas que anteriormente eram identificadas como tal por seus responsáveis ou por elas mesmas agora passaram a se identificar como pretas. Da mesma forma, algumas crianças brancas passaram a se considerar pardas. E algumas crianças negras reafirmam sua negritude. As ações do NEAB promovem a reflexão sobre a identidade, incentivando a autodeclaração da negritude e da branquitude.

Durante a pesquisa, foi possível perceber o engajamento da instituição de ensino na implementação da lei 10.639/03, assim como o compromisso de combater o preconceito e a discriminação racial. A valorização da identidade racial está evidente nesse ambiente, não sendo observadas práticas discriminatórias entre as crianças.

É importante destacar, que o NEAB-AYÓ, Núcleo de Estudo Afro-Brasileiro, se destaca como um relevante refúgio de resistência, atuando de maneira a descolonizar a sociedade por meio de interações com a comunidade escolar e a promoção de práticas afro-pedagógicas. É notório que a luta pela formação de uma cultura que reconheça e valorize as múltiplas tradições, crenças e costumes com uma perspectiva crítica é um processo em permanente desenvolvimento.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação, Resolução CNE/CEB nº 05, 17 de dezembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Ministério da Educação/Secad. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana na educação básica. 2004.

CAVALLEIRO, ELIANE DOS S. Do Silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito, discriminação na educação infantil. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

CORSARO, WILLIAN. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação dos estudos etnográficos com crianças. Educação & Sociedade, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-463, Maio/agosto. 2005. Disponível em < www.cedes.unicamp.br >. Acesso em: 19 jul /2023.

FAZZI, R.C. O drama racial de crianças brasileiras: socialização entre pares e preconceitos. Belo Horizontes: Autêntica. 2006.

SILVA, PETRONILHA BEATRIZ GONÇALVES. Crianças negras entre a assimilação e a negritude. Revista Eletrônica de Educação, v. 9, n. 2, p. 161-187, 2015. Disponível em: Acesso em: 20 nov. 2015.